

RESENHA

LARA, Tiago Adão. *Caminhos da Razão no Ocidente*; a filosofia ocidental, do renascimento aos nossos dias. Petrópolis, Vozes. 1986.

Mário Alves de Araújo Silva*

O autor faz uma breve introdução à Filosofia, essa importante fonte de compreensão do mundo.

Num primeiro momento é feita uma breve lembrança da Idade Média, centrada em Deus, para passar em seguida à revolução copernicana no campo do conhecimento humano. O homem passa a ser o centro de explicação do mundo. O eu individual, de caráter racional, ganha grandes proporções em René Descartes, enquanto o mesmo eu é focado como o eu que experimenta em Bacon, Galileu, Hobbes, Locke, etc. A nova visão do mundo, da sociedade e do homem é justificada. As relações sociais têm novos fundamentos, o Estado Moderno ganha corpo e se diviniza.

Os filósofos reconhecem que a razão não é infinita. David Hume critica o conhecimento empírico, enquanto o criticismo kantiano encontra as fronteiras da razão. Se Hume tende ao ceticismo, o idealismo alemão, cujas raízes remontam ao mundo grego, estabelece as medidas da razão e acha uma saída nas ciências. A razão, que não deixa de ser a razão humana, cria a ciência experimental como o instrumento de seu autocontrole.

A burguesia encontra em Kant e em Hegel os fundamentos de sua ideologia. A ciência e a moral são produtos da razão. O homem racional, livre, individual tem o mundo nas mãos. A nova ordem social tem a sua explicação.

A partir de Hegel a História toma novo sentido e a contradição torna-se indispensável na compreensão do mundo. No iluminismo e no liberalismo a razão adquire expressão máxima. E é nesse contexto que o Romantismo é compreensível.

O hegelianismo trazia em si a raiz do materialismo que não tardou a manifestar-se e a agigantar-se no século XIX. Ao lado do evolucionismo materialista, o marxismo fez a nova leitura do mundo.

O racionalismo e o empirismo caíram no cientificismo, em que valor torna-se coisa mensurável como todas as outras coisas. Assim o humanismo chega ao fim e com ele dá-se a morte do homem como sujeito. A razão não se dá por vencida e várias tendências filosóficas buscam novas explicações, tentando reafirmar-se.

* Professor de Filosofia do Departamento de Pedagogia da UFU

Por fim o autor lembra que Deus tem sua história contada pelo homem, o centro de todas as transparências. A luta é travada entre uma leitura puramente metafísica da religião e uma outra leitura marcada pela dialética. Enquanto a Teologia da Libertação faz uma nova leitura do mundo, novos caminhos são abertos no campo da fé.

A história da razão no Brasil está ligada a e se manifesta como um projeto político-religioso, em que a dominação é a mais forte característica. A razão começou a sua história brasileira no século passado e vários são os caminhos que ela percorre entre nós até o momento atual.